

DAS VERDADES E MENTIRAS QUE SE QUER CONTAR III

CONTOS



**DAS VERDADES E MENTIRAS QUE SE
QUER CONTAR III**

**ORGANIZAÇÃO:
KATIA CRISTINA SCHUHMAN ZILIO**

**EDIÇÃO:
TIAGO CASSUL PEREIRA**

Colégio Maria Imaculada

Direção:

Alvacir Merini

Coordenação Pedagógico Educacional:

Raquel Barbosa Rocha

Nadia Tescke

Coordenação de Pastoral:

Elaine Cristina Bastos Medeiros

Coordenação de Esportes e Informática:

Raquel Barbosa Rocha

Secretaria:

Mariza Aparecida Bortolini

Tesouraria:

Mariza de Godoy Gomes

Recepção:

Karoline Fontes

Mecanografia:

Bruna Bastos

Informática:

Tiago Cassul Pereira

Sumário

01. A MORTE É A SALVAÇÃO? / 6
02. A PONTE DE PINHEIRO / 8
03. UM FATÍDICO DIA / 10
04. BOM DIA PARA MORTE / 13
05. DEDICAÇÃO AO AMOR / 16
06. DESISTIR OU PERSISTIR / 19
07. PANDORA / 21
08. O BEIJO DE LUÍZA / 23
09. O ÚLTIMO SUSPIRO / 25
10. POR SANGUE ENTRELAÇADAS / 26
11. SALINHA 24 / 35
12. LEMBRANÇAS / 37
13. A RINHA DO CORVO / 38
14. LOUCURA INTERMITENTE / 41
15. O TRIO DE LOSTVILLE / 43
16. O REINADO DE AURORA / 45

Prefácio

Construir saberes demanda esforço, dedicação, conhecimento e, principalmente um olhar atento ao mundo. O prazer da escrita se destaca neste trabalho insinuante produzido pelos alunos do 2º ano do ensino médio do CMI. A diversidade temática, a condução das ideias e o recado sutil de cada escrito nos mostram a dimensão e profundidade deste trabalho coordenado pela professora Katia S. Zilio.

Da "rinha do corvo" até "o último suspiro" podemos saborear as palavras, os pensamentos e sentimentos que permeiam cada conto, em um movimento "mesmo que intermitente" nos conduzem a olhares cheios de criatividade, força e coragem construídos por jovens com grande maturidade literária.

Somos convidados a todo instante navegar nesta construção envolvente numa viagem saindo da "Salinha", nos questionando se é preciso "Desistir ou persistir?" como se ouvíssemos uma trilha sonora em "Um fatídico dia" nas "Lembranças" de um soldado que acreditava mudar o mundo, mas que era apenas uma bela história, como "A Ponte de Pinheiro". E quando ofegantes pelas emoções, acreditamos provar o deleite de uma ótima leitura, somos surpreendidos com "O último suspiro" e nos encontramos "Entrelaçados" pelos inspiradores textos que nos foram tão generosamente oferecidos.

Como dizia o poeta "navegar é preciso", não é, professora Katia!

Professor Mestre em Educação Arlindo Alberton

A morte é a salvação?

Ana Julia Medeiros

Natacha sempre foi uma menina bem quieta na escola, todos a olhavam sempre de maneira estranha e pensavam o porquê da menina ser tão sozinha.

Ela, com 15 anos, morava em um orfanato, não tinha amigos, família ou alguém para conversar. Chegava à escola e sentava em um canto, toda encolhida sem falar uma palavra. Sempre muito inteligente, era considerada uma boa aluna, mal sabiam seus professores que ela era tão solitária e medrosa, tinha medo da própria sombra, mas tudo o que havia passado explicava isso.

Natacha, aos seus 8 anos, brincava em casa com sua única boneca enquanto sua mãe dormia, até que seu pai chegou em casa alcoolizado, bravo com tudo. Primeiro deu um chute na porta, quase que ela quebrou, então foi seguindo em direção ao seu quarto quando esbarrou em Natacha, pegou-a pelo braço e bateu com muita força. Ela chegou a desmaiar. Depois levou-a ao banheiro e abusou dela, enquanto isso sua mãe dormia em um sono muito profundo causado pelo efeito das drogas que usava.

No dia seguinte ela acordou em seu quarto, não lembrava como tinha chegado lá mas sentia muita dor em seu corpo, seu olho estava roxo, mal conseguiu abri-lo, mas teve que aceitar a dor e seguir sua vida como se não tivesse acontecido nada. Sua mãe pouco se importava com ela, nunca deu atenção em nada e não iria começar agora. Natacha, mesmo machucada, ainda era tratada por sua mãe de forma degradante, acusando-a de ser gorda e feia. A menina já nem fazia mais tanta questão de existir, tinha abandonado seus sonhos e só estava ali por seu avô que sempre cuidou dela com muito carinho.

Uma vez, sua mãe ficou cheia de cuidar da menina, a amarrou e a jogou em uma floresta para morrer, mas Natacha teve sorte de encontrar alguns caçadores que a levaram para um orfanato onde ela passou a ser bem cuidada. No orfanato tinha comida quente, roupas boas, uma cama, pessoas que cuidassem dela e mais crianças, mesmo não se relacionando muito bem com as outras crianças ainda estava feliz, pois eram coisas que nunca tivera consigo antes, e tinha esperança de ainda fazer amizades então entrou para uma escola.

Na escola, sofria muito com os apelidos, certo dia chegou lá cansada, já não aguentava mais ouvir vários xingamentos, sentou bem encolhida no seu mesmo canto de sempre e não demorou muito para um menino começar a gritar, e depois outro, e outro, em seguida, todos gritando mais e mais xingamentos. Estando acostumada a esse cotidiano, passou a nem se importar muito, decidiu focar nos estudos e, a partir daí, tornou-se a melhor aluna da sala, o que foi mais motivo de piada.

Mesmo estudando muito para esquecer a realidade e fingindo não se importar, ela não conseguia ignorar os apelidos e sempre que voltava para o orfanato, depois da aula, ia para seu quarto chorar.

Cada dia os apelidos pioravam e ela ia ficando mais triste, chegou a pensar em se matar, pois parecia a única salvação, mas não tinha coragem suficiente e sempre lembrava de seu avô que, quando ainda vivo, a fazia muito feliz.

No seu aniversário de 16 anos, acordou animada (pela primeira vez em muito tempo) e foi para a escola, quando era final da tarde a van que levava todas as crianças do orfanato para a escola chegou e todos desceram, menos Natacha. Uma das empregadas foi procurá-la na van, mas não a encontrou, chamou a diretora do orfanato e foram juntas procurar por ela na escola.

Houve grande esforço para encontrá-la, mas foi só quando chegaram à piscina da escola que a encontraram caída na água com um tiro no peito e uma arma jogada na beira da piscina, então chamaram a polícia.

O corpo é retirado da água pelos policiais e a perícia leva-o para estudar o caso da morte e tentar achar o assassino.

Suicídio ou homicídio?

O corpo foi enterrado, a polícia havia levado também a arma do crime que, após passar por vários testes, encontrou nela uma digital, mas que infelizmente não tinha registro.

Mais uma morte... Solução? Registrou-se: **CASO ENCERRADO**, não solucionado...

A Ponte de Pinheiro

João Pedro Fauth Guérios

A chuva batia na janela e o dia que se iniciou tão alegre e colorido agora cinza estava. Sentei petrificado no sofá da sala de minha avó com os pés e as mãos sujos de terra, a bola ao meu lado como melhor companhia, já não girava mais, e lá estava eu, triste por não poder mais admirar o dia de sol.

E em meio ao barulho da chuva escutei passos suaves e serenos que cruzavam o cômodo, era meu avô com seu caminhar lento, mesmo com seus passos curtos, estrondoso era o barulho quando se caminhava sobre o piso de madeira que há muito tempo já fora construído.

Meu avô logo veio se sentar ao meu lado, lembro muito bem de seus olhos claros e seu cabelo de um tom quase grisalho, adorava sua companhia, que era sempre regada de boas histórias de sua infância. E naquele momento, não foi diferente, sentou-se ao meu lado, e olhando a bola falou:

- Tenho uma ótima história para esse momento.

- E assim começou. Foi por volta da década de 50, eu tinha apenas 12 anos, morávamos no interior do Rio Grande do Sul, para ir para à escola eu e meus 4 irmãos precisávamos caminhar por volta de 8 km. A escola ficava em outra comunidade, porém ainda no interior. Nossa felicidade era chegar quinze minutos antes da professora para podermos jogar bola no campo da paróquia que ficava em frente à escola, entretanto a professora sempre estava adiantada, assim não sobrava muito tempo para jogarmos bola.

Meu avô era detalhista, e era isso que tornava as suas histórias tão boas. Ele continuou:

-Por mais de um mês eu e meus irmãos planejamos algo para podermos ficar mais tempo jogando e, para nossa surpresa, descobrimos que a professora, para chegar à escola, precisava passar por uma parte de nosso terreno. Ela atravessava um pequeno e profundo córrego por uma estreita ponte feita com duas grandes tábuas de pinheiro. Uma madeira muito resistente, feita para aguentar todas as pessoas que passavam por lá.

- Um dia antes de colocarmos o plano em prática, saímos durante a noite, não conseguíamos enxergar quase nada mesmo com nossos lampiões, na época, iluminados por querosene, não eram muito eficientes, mas eram os melhores que tínhamos na fazenda. Após caminhar por um bom período de tempo, chegamos ao lugar em que se encontrava a ponte, enchemos o caminho com muitos galhos secos que encontramos ali mesmo, tínhamos a esperança de dificultar a passagem dela, para que tivesse de pegar outro caminho, o que certamente a atrasaria, fazendo com que tivéssemos mais tempo livre para a nossa diversão.

- Levantamos enquanto ainda era noite, nem dormimos direito, estávamos muito empolgados para jogar bola no dia seguinte. Chegamos à escola quinze minutos antes e, para nossa surpresa, ninguém estava lá, nosso plano havia funcionado, sem demora começamos a partida, jogamos por quase quarenta minutos naquele campo, que nem tinha tanta grama assim, parecia um terreiro, a cada corrida levantava-se uma nuvem imensa, e em meio a ela, observamos a imagem de uma moça serena que aparecia ao longe no fundo da estrada de chão batido. Era a professora, com seu cabelo amarrado, saia comprida e livros em mãos, dando passos apressadinhos, pois já havia tido um contratempo no caminho. Ao chegar à sala, todos nós, disfarçadamente, perguntamos o que havia acontecido para que se atrasasse, todos nós rimos disfarçadamente, mas foi evidente a suspeita que a professora possuía sobre nós.

Passado algumas semanas, enquanto eu e meus irmãos estávamos ajudando nosso pai na lavoura, frenéticos para finalizar a tarefa e pensando em jogar bola no outro dia. Logo entramos em um consenso de que não poderíamos mais fazer daquela forma, então me candidatei para sabotar a ponte. No domingo da mesma semana, encilhei minha égua e com um serrote debaixo do braço fui em direção ao córrego, serrei quase totalmente as duas tábuas no meio, deixando apenas uma fina ligação entre elas, fazendo com que qualquer peso que fosse feito sobre ela faria com que a ponte caísse dentro do córrego.

Na segunda cedo, enquanto íamos a para a escola, mandamos o caçula ficar espiando a ponte, escondido, para que pudesse nos contar o que havia acontecido. Naquela manhã tudo estava diferente, o campo nem tinha mais tanta poeira assim, jogamos mais de seis partidas e, quando o relógio beirava meio dia, começamos a ficar preocupados, pois não tínhamos nenhum sinal, nem da professora, muito menos de nosso irmão menor, comecei a tremer enquanto olhava o relógio da pequena torre da igreja, foram os quinze minutos mais longos da minha vida, até que no final da estrada vinham os dois, eu rapidamente corri para abraçá-los e também como forma de alívio.

Ao perguntar a professora o que havia acontecido ela nos contou que ao chegar o momento de atravessar a ponte, havia uma mulher com uma criança de colo do outro lado, e ela muito educada cedeu a vez para ela. Em rápidos 3 passos “tíbum” estavam todos na água, a professora logo pulou na tentativa de ajudar a mulher e a criança, assim como nosso irmão mais novo que, rapidamente, desceu de uma árvore para ajudar.

Após a situação se estabilizar a professora apertou a orelha de meu irmão e pediu uma rápida explicação para tudo, e, assim, logos fomos dedurados - disse meu avô em meio a suas roucas risadas, sem perceber que há pouco eu já havia dormido em seu colo.

Entre aventuras e afetos de avô, é bom pensar que não há nada melhor que uma boa companhia e ótimas histórias para um domingo de chuva.

Um fatídico dia

Anna Luisa Moraes Schmidt

Não tenho medo de chuva, nem de imensas tempestades, ventanias ou inundações, aliás todos os acontecimentos eminentes de minha vida ocorreram nesse cenário meteorológico um tanto melancólico.

O céu estava plúmbeo, e eu, como de costume, desfrutando da boemia, nas noitadas de sábado, em um bar bem convencional de São Paulo, porém como todo lugar, tinha suas peculiaridades, era o único local onde encontrava um aconchego para a minha alma agora solitária de tudo o que fazia um pouco de sentido em minha vida.

Nunca acreditei em pressentimentos, era, com certeza, a pessoa mais descrente que conhecia, mas esse dia foi considerado por muitos como fatídico. Eu pressenti alguma coisa, talvez fosse saudade, agonia ou ansiedade, sentimentos que me corroíam por dentro e faziam pensar em alguma forma de escapismo daquela realidade.

Como de costume, sentei-me próximo ao balcão, recostei-me no banco de couro rude, de uma maneira confortável, minha mão deslizou naquela mesa engordurada e escorregadia, minutos antes utilizada por outros clientes. Em cima do balcão a frase “carpe diem” explícita em Rose Gold, essa seria uma propaganda convincente se pensarmos os motivos pelos quais as pessoas estariam frequentando aquele lugar: “esquecer os problemas”.

A janela entreaberta ao meu lado expunha aquela cidade chuvosa e cinzenta, ressaltando a rua de pedra iluminada pelos postes de luz. A chuva gotejava e formava poças na rua. Da janela, meu reflexo mostrava meus olhos, olhos não mais ingênuos, sem cor que apenas procuravam a alegria que acabou junto com você.

Pedi ao garçom umas doses de uísque enquanto fumava um cigarro. Engraçado, tinha medo da morte, mas geralmente eu a provocava gradativamente, isso era uma das coisas com as quais eu não me importava muito. A morte deixou de ser uma tragédia há muito tempo. Porém uma coisa que ninguém sabia era que a aquela pessoa sozinha em uma mesa do bar tinha medo da solidão, a minha própria companhia me amedrontava.

De longe escuto a música que faz parte da ilustre trilha sonora de Vinicius de Moraes:

**“Você bem que podia me aparecer, nesses mesmos lugares, nas noites,
nos bares, onde anda você? ”**

Uma nostalgia tomou conta da minha mente, lembrei-me do verdadeiro motivo de estar ali: relembrar os velhos tempos, aquele tempo que não volta

mais, quando nos conhecemos nesse mesmo bar, nesse mesmo dia, nesse mesmo clima.... Um simples jovem ingressando na vida acadêmica, porém usufruindo da boemia habitualmente, e ela.... Ahhhhhh a pessoa mais inimaginável e improvável que conheci, a primeira vez que te encontrei nossos olhos se fixaram, as pupilas de dilataram, seus olhos transcendiam as belezas mais puras em torno de uma desconfiança que despertava meus desejos mais sigilosos.

Começou com um convite, umas bebidas e um quarto, um programa e nada mais.... Mas ela era extremamente geniosa e inteligente, não imaginava as circunstâncias que o levaram para essa vida. Passávamos juntos todas as noites, muitas vezes sem sexo só conversando sobre assuntos diversos. Primeiramente eu confesso era só prazer não enxergava o outro lado das pessoas, mas era como se aquela mulher envolvesse em um disfarce, aparentemente dura, rígida, não deixando as emoções se envolver no “Trabalho”, marcada pelas cicatrizes da vida, porém não era aquela durona, coração de pedra, apenas sabia disfarçar melhor. Vivia em uma fantasia que criou para não demonstrar seus sentimentos, talvez por ser mais velha ou pela ocupação profissional. Mas o que você não sabia é que eu estava apaixonado.

Ela adorava quando eu fazia promessas, eu poderia prometer que iria protegê-la, estar perto na saúde ou na doença, poderia até mesmo dizer que a morte nos separaria, mas não prometi, porque nossos orgulhos, não admitiam que vivêssemos e explorássemos os limites daquele quarto. Mais adiante você partiu e não é tão simples assim te encontrar.

Pensava sobre tudo isso quando, de repente alguém parou ao meu lado, botou a mão em meus ombros e perguntou do que eu precisava. Meus olhos lacrimejaram queria falar tudo o que sentia, queria gritar, gritar, gritar chorar qualquer coisa, qualquer simples demonstração que eu precisava de ajuda. Mas ao invés disso me envolvi por baixo de uma máscara, pois sabia... Ahhhh com certeza ele não gostaria de saber o que estava acontecendo com um embriagado, sem valor, a não ser comprar mais uma garrafa.

Levanto do banco, enfrento minha imagem no espelho do banheiro sujo de um bar. Quanto tempo ainda tenho para sofrer? Era como se tudo e todos tivessem um ciclo e eu aqui, pacato, sentado no bar.

Sai trambaleando pelas ruas de pedras escorregadias, a chuva molhava meu corpo trêmulo, a água entrando pelas solas finas, meu nariz escorrendo misturando o muco com a chuva, olhos com olheiras e meus lábios ressecados e sem pele. Caminhava lentamente com uma garrafa de uísque na mão, poderia ser intitulado como um embriagado sem valor, mas estava procurando por ela, queria apenas uma luz, uma luz, alguém, ela...

Minha visão turva e meus movimentos não acompanhavam meu cérebro, atravessei para ir até o outro lado da ponte, um carro interrompeu me

encharcando agora totalmente. Parei ali mesmo no meio da rua ajoelhei-me clamando por alguém, então via luz mais brilhante de minha vida, essa seria minha segunda chance?

O tempo parou havia a possibilidade de sair correndo como qualquer pessoa em seu estado lúcido faria, mas continuei ajoelhado, por um simples espaço de tempo acreditei que poderia reencontrá-la, terrível ilusão. Desviei os olhares evitando meus sentimentos e a buzina frenética que chamava atenção do público para assistir ao espetáculo. E um ruído... um silêncio.... E agora meu corpo fazia parte do mosaico de pedra que compunha a rua iluminada pelos postes de luz formando poças pelo seu desnivelamento.

Bom dia para a morte

Ari Gabriel Schmitt Velho

Era noite, estava sozinho em meu quarto, abandono minha lição de Ciências e deito-me em minha cama, passo a observar tudo que está a minha volta. Vejo minhas paredes frias e acinzentadas já cobertas pelo mofo e descascadas por conta da infiltração.

Está chovendo lá fora e só ouço as gotas de água que escorrem pelo teto e paredes em direção aos meus rodapés. A cabeceira de minha cama já empenada e podre da base de suas pernas até o encosto de minha cabeça, apoiava minha cabeça. Uma forte rajada de vento abre minha janela e derruba minhas roupas recém dobradas que estavam sobre a cadeira ao lado de meu armário.

Meu uniforme molha em uma poça no piso, não tenho intenção de juntá-lo do chão, pareço não me importar mais com meus problemas. Sinto um peso enorme em minha cabeça e em minhas costas, eu sei que há algo de errado, mas não mexo um dedo para resolver ou para buscar respostas, o mínimo esforço parece me custar muito e já não sei mais o que fazer para combater isso. Acredito que não vou fazer nada para resolver tal problema, alguns chamam de preguiça, outros de crise existencial, outros, mais atrevidos, ousam dizer que é depressão.

Cansei de pensar, acho que é hora de dormir, mas antes vou dar um beijo de boa noite em minha mãe, pobre coitada está sofrendo de uma grave doença, nenhum médico consegue dar um diagnóstico sequer, todos dizem ser diferente de tudo que já tinham visto. O corpo da pobre coitada está coberto por feridas, ela não consegue sequer sair do seu quarto que é quase impossível de entrar por conta de seu cheiro pútrido e rançoso. Ela mesma dizia que eu não devia entrar mais lá para que não a visse naquele estado.

Eu nem cogitei isso, pois além de dó, tenho medo de que não a tenha ao meu lado no dia seguinte. Essa noite, no entanto, fiquei surpreso, pois ela já estava dormindo àquela hora. A miserável estava pálida como lençóis recém limpos e estava gelada como o vento, as roupas de cama estavam molhadas de sangue, nada fora do normal além do fato de que meu pai ainda não tinha chegado do trabalho.

Logo me deito e durmo.

Na manhã seguinte, visto meu uniforme ainda úmido e dirijo-me ao quarto de minha mãe que ainda estava dormindo, coloquei um novo lençol sobre suas pernas que estavam frias. Dei um beijo caloroso em sua testa torcendo para que quando eu chegasse em casa ela estivesse melhor e me esperando com um cozido bemquentinho e uma xícara de chá junto com meu pai que não tinha vindo para casa na noite passada.

Apresso-me ao ver o relógio que marcava 7 horas e 25 minutos, faltavam 4 minutos para o ônibus passar no ponto em frente ao cartório, que ficava a seis quadras de distância. Pensei comigo mesmo, como fui me atrasar tanto? Não fiz nada que não fosse de meu costume. Que droga! Vou ter que ir a pé.

Já que tinha perdido o meu ônibus, fui para a escola em um ritmo muito lento, estava mesmo a fim de perder a aula, mas aposto que iriam mandar uma carta para minha casa relatando a minha falta. Trocando lentamente os passos em uma rua muito suja e movimentada que estava impressionantemente engarrafada por conta dos alagamentos causados pela forte chuva da noite anterior, avistei um homem, não sabia dizer se era um morador de rua ou uma pessoa qualquer que estava tendo aparentemente um péssimo dia. Ele chorava muito, parecia desesperado e eu não sabia se chegaria até ele, se falaria alguma coisa. Entrei em pânico junto com ele, pois notei que ninguém estava disposto a ajudá-lo. Encarei-o novamente e fui ajudá-lo não estava suportando aquela situação.

Logo que me aproximei do pobre homem, senti uma sensação estranha, parecia que estava me puxando dando certa sensação de peso e um desconforto que não pude ignorar, o homem se batia e se negava ao meu toque, então, na tentativa de acalmá-lo, encostei suas costas na parede do prédio em que estávamos à frente, e em uma atitude infeliz do início ao fim, tirei um pano ou um trapo que cobria seu rosto ou o que eu esperava que fosse.

Aquele momento marcou minha vida de uma forma que não consigo descrever com exatidão, mas posso dizer que tudo a minha volta tinha outra perspectiva, aquele homem sem face, era como um grande poço, um buraco sem fundo ou um portal para a escuridão infinita. Sentimentos que nunca tinha sentido antes, vieram à tona dores descomunais que possuíram meu corpo por um breve instante, lembro-me de olhar para uma poça no meio fio da rua, meus olhos estavam escuros, minha pele pálida como a neve ou a pele de um finado.

Nunca estive tão assustado em toda a minha vida, pesadelos de minha infância não se comparavam ao que sentia naquele momento o frio que cercava o meu corpo e a desconfiança de tudo eram predominantes. Torno meu olhar ao homem a que tinha me disposto ajudar e ele não estava mais lá. Assim como todas as pessoas a minha volta, eu estava sozinho, era como se eu tivesse sido teletransportado a outra dimensão era tudo branco e preto alguns tons de cinza, a cidade era a mesma os prédios continuaram no mesmo lugar ao mesmo tempo em que me eram familiares, eram também estranhos. Eu estava completamente perdido, entrei em choque, eu suava frio e estava absolutamente tonto, pasmo, não sabia o que pensar, não sabia se tinha morrido ou se tinha ido para o inferno ou se, magicamente, tinha sido enviado a alguma espécie de mundo invertido, os reflexos mostravam tudo normalmente, pessoas e carros circulando, mas eu não estava lá, apenas uma chama escura que me deixava desconfortável ao olhar.

Com tanta coisa passando pela minha cabeça eu não sabia o que fazer não sabia se corria ou se ia me esgueirando nas paredes evitando as sombras que pareciam aterrorizantes. Decidi correr novamente para casa e, quanto mais rápido eu corria, mais longe parecia estar. Quanto mais eu olhava em volta mais fechado o ambiente parecia ser, os prédios se curvavam, o céu descia parecia que iria esmagar tudo em minha volta e eu sucumbiria junto à cidade. Os reflexos pareciam esquivar-se de mim e as sombras pareciam me perseguir. Eu estava em pânico, meu suor escorria e parecia rasgar toda a minha pele a dor era tanta que eu chorava descontroladamente e as próprias lágrimas machucavam o meu rosto.

Quando cheguei em casa, eu corri escadas acima para o quarto de minha mãe para que ela pudesse me ajudar, pelo que pude perceber naquele momento a casa estava com tinha deixando pelo início da manhã, exceto o quarto de minha mãe que estava com a porta escancarada e, por um pequeno período de tempo, eu tive um pouco de esperança que minha mãe estivesse em pé arrumando sua cama, mas a única coisa que eu encontrei lá foi a minha mãe ainda deitada incrivelmente era a única coisa que ainda havia cor nesse mundo.

Eu fiquei muito feliz, pois parecia que era a única coisa viva naquele momento e esperava poder acordá-la e pedir sua ajuda. Quando me aproximo dela para dar-lhe um abraço a fim de despertá-la, uma grande sombra entra pela porta e o ambiente mórbido e frio se torna ainda pior e, daquelas sombras, ergue-se uma entidade encapuzada com uma grande foice em punho, como não sei seu nome o chamo de morte até hoje.

A morte colocou-se ao lado oposto da cama de minha mãe e então ergueu sua cabeça que parecia o crânio de algum animal, não tinha certeza se era de um grande cão ou de uma vaca, curvou-se e seu olhar voltou-se para mim, eu fiquei imóvel, completamente sem reação, apenas o frio em minha barriga eu conseguia sentir. Com um sussurro intimidador me diz:

Já é hora.... Esperei muito por esse momento.... E eu nada mais vi, mas lembro do fio da lâmina e do cheiro de carne e sangue.

Dedicação ao amor

Camila Camargo Gatner

Jade sempre foi apaixonada por flores, em especial, por orquídeas. Meiga, delicada e sorridente. Ela é como uma brisa, leve e calma. Tinha acabado de se mudar para uma cidade pequena, logo quando chegou foi à procura do apartamento que tinha alugado pela internet, era perfeito. Uma vista ótima da cidade, o vento de inverno batia na janela, e uma varanda linda, com vista para a praça. Aos poucos foi ajeitando-o, deixando com sua cara, pendurou seus quadros, achou um lugar para seus ursos de pelúcia e livros e colocou várias orquídeas pela casa.

Depois de algumas semanas, Jade conseguiu um emprego como secretária de um escritório. Tinha que ir trabalhar de saia lápis, com uma camisa branca e de salto. Como o escritório era perto de onde morava, Jade saía alguns minutos antes e ia a pé, pois adorava observar o movimento e a natureza logo no amanhecer.

Todo dia, ao sair de casa se deparava com um homem muito bonito vestindo um terno. Jade sempre foi de reparar muito nas pessoas, e ficou encantada com ele. Ela notou que todo dia, naquele mesmo horário, o homem bonito passava por ali, e toda vez que passava por ela a cumprimentava com um sorriso no rosto.

Jade ficou observando o homem por semanas, sabia que seu cabelo ficava quase loiro quando estava no sol, que ele gostava de café do Starbucks, e que tinha um sorriso lindo. Jade não estava pronta para falar com ele, ou pelo menos achava que não. Então foi adiando, adiando, e assim foram dois anos. Até que em um dia ele não passou por ali, foi a primeira vez que isso aconteceu, Jade ficou preocupada, como alguém que nem sabia o nome, já tinha se tornado parte do cotidiano dela?

Decidiu que no próximo dia que encontrasse o homem iria falar com ele, E o sujeito apareceu, mas Jade não foi até ele por medo. Aí se passou mais uma semana, até que ele mesmo a chamou, mas Jade abaixou a cabeça e continuou andando, como se não fosse com ela.

Ficou chateada por ter feito isso, mas não teria coragem de falar com ele, mas depois disso, pensou que não poderia mais adiar e decidiu que ia sim falar com ele, e não ia deixar o medo atrapalhar. E foi o que fez, pela primeira vez os olhos deles se encontraram, conversaram por alguns minutos e trocaram telefones.

O nome dele era Alex, e todos os dias, à noite, eles conversavam por telefone durante horas, e assim foi se formando uma amizade. Sempre que

possível saíam juntos. Eles sabiam dos medos e segredos um do outro, foi mais um ano como amigos, todos os dias ali.

Chegou um dia que Alex disse que precisavam conversar sério e então levou Jade para jantar. Ela ficou preocupada, pois não sabia se era algo bom ou ruim, mas valeu a pena esse suspense todo, Alex pediu a mão de Jade em namoro. E, é claro, que sua resposta foi SIM.

Logo Jade foi conhecer a mãe de Alex, ficou um bom tempo conversando com ela, e a achou incrível. Tonando-se assim a melhor amiga de sua sogra.

Ela gostava de queijo e ele de goiabada. Gostavam dos mesmos filmes, séries e livros. Eram um casal perfeito. Os domingos entediados passaram a ser domingos na casa de Alex assistindo a filmes e jogando vídeo game.

Passaram-se mais três anos, até que a mãe de Alex descobriu que tinha câncer. Ela lutou por alguns meses, mas não aguentou e faleceu. Jade permaneceu ao lado de Alex, tentando dar forças a ele, mostrando que sempre estaria ali.

Durante dois meses, a relação deles foi marcada por ciúmes e brigas. Um dia Alex liga para Jade e diz para ela que quando saísse do trabalho era pra ir até sua casa, pois precisavam conversar.

Quando ela chegou viu que o rosto de Alex não estava animador como sempre, ela sabia que não era coisa boa. Alex então falou que precisava de um tempo.

Jade ficou muito triste, mas não tinha o que fazer, segurou o choro e foi para casa. Naquela noite só conseguia pensar no que tinha feito de errado para Alex não querer mais namorar.

Jade passou algumas semanas sem notícias de Alex, o que pra ela era torturante, mas em um sábado ele foi até sua casa. Quando chegou, deu um abraço em Jade e chorando pediu desculpas, mas disse que não iria continuar o namoro, pois não sentia mais a mesma coisa, não amava Jade como ela ainda o amava.

Uma parte de Jade morreu quando escutou isso, ela dedicou quase sete anos de sua vida a ele, para no final ter que ouvir aquilo. Mas nem por isso Jade brigou com Alex, pois sabia que de nada ia adiantar. Se o amor acabou o que poderia fazer?

Então ela juntou todas as coisas de Alex que estavam em seu apartamento e foi até a casa dele para devolver. Quando chegou lá, viu Alex com outra garota. Jade jogou as coisas de Alex pela porta e saiu correndo. Foi para sua casa e chorou, chorou como nunca havia chorado antes.

Aos poucos Jade ia conseguindo esquecer Alex, mas prometeu para si mesma que nunca mais ia se dedicar totalmente a uma pessoa, pois nunca se sabe se a pessoa está disposta a ficar até o final.

E, afinal, existe um final? Parece que os finais são um recomeço e isso é o que importa...

Desistir ou persistir?

Danielle Sena

Tudo aconteceu no dia 5 de janeiro de 2019, era uma terça-feira, feriado em São Paulo. Nunca vou me esquecer, eram cerca de 22 horas. Estávamos eu e Clara em um hotel no centro, onde sempre ficávamos. Ouço vozes no quarto ao lado. Vozes agressivas. Será que estão discutindo?

De repente, uma pancada na parede. Um som estrondoso que lembrava um martelo. Depois outro. Consigo ouvir uma voz feminina dizendo que estava com medo, e o homem respondendo que não precisava de tanto pavor, pois ele não iria matá-la. Logo em seguida ouço mais um grito, mas dessa vez com palavras horríveis, que não gosto nem de lembrar.

Clara e eu tomamos a iniciativa de sair. Sim, eles estavam lá, discutindo. A voz do homem ganha força, parecia que estavam indo para o banheiro, foi quando escutei um estrondo. Eram vidros quebrando. As mãos dele pressionaram o corpo da moça contra o box. Sem forças para se proteger, leva muitos socos e chutes, sua única reação foi gritar. Eu comecei a passar mal, fiquei tonta. Parecia que eu estava cega. Tudo parecia distante de mim fazendo eu me sentir perdida e desnorteada.

Peço para Clara ir correndo chamar o gerente do hotel pois o acontecimento era grave. Seu Francisco, o gerente, chega rápido, com a respiração ofegante, me escuta, ficando assustado com o que lhe conto. Ele não acredita, disse que era coisa da minha cabeça, porém peço para que olhasse pela janela do banheiro, comprovando assim tudo o que lhe contei.

Seu Francisco corre, desaparece, me deixando com muitos questionamentos, o que ele foi fazer? Estamos sozinhas novamente? Meu desejo era arrombar a porta daquele maldito quarto, falar que estou vendo tudo e que a polícia saberia disso. Mas era preciso calma, pois eu tinha plena certeza de que o homem estava armado, talvez com uma faca ou revólver. Seu Francisco volta, felizmente com reforço, ele chamou os seguranças do hotel. Agora são alguns homens, Clara e eu.

Seu Francisco decidiu bater na porta, engrossou a voz e esmurrou a porta, que ao contrário do que eu previa, abriu rapidamente. Os dois estavam pelados. A moça estava tremendo e soluçando de tanto chorar, saiu correndo pegar uma roupa e logo nos agradeceu. Quando entrei no quarto ela já estava vestida, assim consegui visualizar melhor o seu rosto que possuía muitas lágrimas nos olhos. Eu estava muito abalada com todo o ocorrido e, na tentativa de ajudar e de ter certeza antes de chamar a polícia, questionei se ele estava batendo nela, ela apenas sinalizou com a cabeça que sim.

Do outro lado do quarto, sentado na escrivaninha o homem estava cercado pelos outros rapazes. Estava com um olhar de medo, mostrava-se

aterrorizado. Repetiu o tempo todo um pedido de desculpas, menos para sua companheira que foi quem sofreu os ataques. Sentada na cama perguntei se ela queria que chamássemos a polícia, mais uma vez só conseguiu responder fazendo o sinal que sim com a cabeça. Eu realizei o pedido dela e esperamos mais um menos uns dez minutos até a polícia chegar. Quando chegaram, perguntaram de uma forma seca, com um tom de desconfiança para Rosa (a vítima dos ataques) o que tinha acontecido. Os policiais então pediram para que deixássemos o local do crime, e assim seguimos na viatura para a delegacia mais próxima.

Chegando na delegacia, prenderam o homem, vulgo Felipe, até o delegado chegar, com vergonha e com medo, Rosa pediu que eu e Clara descansássemos, dizendo com um tom de esperança que daria tudo certo e nos avisaria assim que saísse da delegacia, pois o delegado iria demorar e já era madrugada. Depois de tanta insistência, decidimos seguir o conselho de Rosa e fomos para o hotel, ansiosas por notícias boas.

Ficamos sabendo pelo Seu Francisco que quando o delegado chegou, Rosa ficou agitada, ele dizia que tinha conversado com o namorado dela e que Felipe estava muito arrependido e triste, também perguntou se ela queria levar mesmo o processo adiante. Ela acabou desistindo, apenas pediu para deixar Felipe preso por mais algumas horas para ela conseguir sair de São Paulo e ir até a casa de seus pais em Sergipe.

Desde então, faz dias que eu não durmo direito. Tenho muita insônia, fico com medo de Felipe me encontrar já que me ameaçou na delegacia. Acordo e penso na atitude da polícia tentando fazer a violência doméstica ser menor do que é. Questiono onde está Rosa e o que ela está fazendo. Será que Felipe a encontrou? E eu e Clara? Metemos a colher em briga de marido e mulher... Estaremos em apuros?

Pandora

Fabiano Zanotto

Se você estiver lendo esta carta, então provavelmente recebeu a caixa, antes que abra, precisa saber o que ela está guardando, não sei dizer ao certo seu conteúdo, tudo o que sei é sobre lendas urbanas que contam que a caixa é um presente de Deus. Outros dizem que é um amuleto amaldiçoado, eu já acho que seria algum tipo de caixa inexplicável do universo para nos testar. Peço a você que leia esta carta até o final, pois são muitas as histórias que rondam essa caixa.

Se bem me recordo era um sábado qualquer, bem de manhãzinha, tinha recém acordado e percebi que meu quarto estava uma bagunça, havia pilhas de roupas e lixos espalhados pelo chão, um cheiro que não era agradável. Pensei em arrumar meu quarto antes de preparar meu café e, após algumas horas, tinha terminado de limpar o chão, havia apenas uma caixa velha que estava ao lado de meu guarda-roupa não me recordava da caixa, curioso e sem preocupação tentei abri-la.

Pensei ser uma brincadeira de algum amigo meu, mas havia alguns desenhos fora da caixa me recordo que parecia algum tipo de guerra, as figuras faziam referência a anjos e demônios, foi nesse momento eu percebi que não era brincadeira, era algo importante como um achado histórico, mas quem colocou essa caixa no meu quarto? O que chamou minha atenção era uma estátua de Atena, não acreditei que essa caixa era algo tão importante, coloquei a caixa na mesa da sala e fui trabalhar.

Chegando na minha casa a caixa estava na cozinha, imagino que o dono da caixa tenha entrado na minha casa outra vez, agora eu estava preparado havia câmeras de segurança na cozinha da casa, era só eu ligar meu computador e vê quem fez essa brincadeira sem sentido, o que eu vi na gravação era muito assustador, o horário em que a caixa se movimentou a câmera tinha desligado, não sabia o que fazer e estava muito assustado para ficar naquela casa, peguei meu carro a caixa e fui até um museu, para saber se a caixa era antiga, um historiador avaliou a caixa descobriu uma camada de marfim cobrindo a caixa e a terra seca de anos por cima o que aparentava ser uma caixa velha, mas ela estava intacta os desenhos ficaram claros, eram soldados gregos e romanos lutando por uma luz o historiador pensou ser um deus, já eu acredito ser essa caixa, algo estava escrito na tampa da caixa "PANDORA" sem conseguir abrir colocamos ela em um raio x para saber o que ela possuía.

Uma parede de metal revestia dentro da caixa e não possibilitava a visão o que aumentou muito minha curiosidade sobre ela, deixei a caixa com ele e voltei para minha casa, e no chão da cozinha estava a caixa liguei para o historiador estava preocupado, ele atendeu com muito medo e falava baixo, consegui escutar homens brigando ao fundo da ligação chamei a polícia para ir

no museu ao chegar lá encontrei os corpos dos ajudantes e pesquisadores o historiador conseguiu se esconder em um armário como depoimento ela afirmou que todos estavam lutando pela caixa, mas ele descobriu uma localização embaixo da caixa um bosque na cidade, ele me convenceu a ir junto no sábado procurar a resposta na floresta.

Caminhei pela tarde toda daquele sábado, até que cheguei em uma floresta muito densa e fria, sinto arrepios só de lembrar, as folhas secas cobriam o chão e as grandes árvores escureciam cada vez mais o centro da floresta os desenhos que indicava a direção ficaram cada vez mais difícil de localizar o tesouro tão esperado, uma árvore branca que se destacava no por sua coloração chamou muito minha atenção, parecia ser feita inteira de mármore como a caixa, e no meio da árvore tinha mais desenhos que indicavam uma chave para abrir a caixa.

Nós percorremos a floresta toda cavamos um monte de buracos no chão e não encontramos nada, mas o desenho na árvore mostrava uma está negra a onde o historiador dizia ser Creta, no outro dia de manhã compramos as passagens e fomos o mais rápido para Creta ao chegar, levamos a caixa a um templo de Atena para saber alguma informação os religiosos do local ficaram com medo e não conseguiam nem falar, mas um sábio ancião nos mostrou alguns desenhos em uma sala escondida.

A caixa estava brilhando na mão de guerreiros fortes como Hércules, Perseu, Leônidas, também nos contou que a caixa escolhe um guerreiro que se destaca na sua época para seguir a missão de abri-la, mas de todos os homens no mundo porque ela me escolheu o monte Olimpo era o local aonde estava a chave, caminhei até o mais alto morro da Grécia o historiador encontrou uma entrada no meio de algumas pedras era um túnel antigo construído a muito tempo atrás, havia armadilhas e o chão fazia buracos de antigo ao chegar em uma porta enorme a porta dizia somente o guerreiro escolhido poderá passar.

Escutei o barulho de uma flecha ao fundo do corredor e acertou o peito do historiador como se alguém estava lá, nos observando a porta se abriu sem eu tocar nela O chão estava coberto de cobras, aranhas e escorpiões, mas com o brilho da caixa eles abriram caminho até uma coroa de mármore brilhar no chão a coroa era pequena, mas cabia na cabeça da Atena.

COM UM BARULHO ENSURDECEDOR A CAIXA SE ABRIU, E LÁ ESTAVA ...

O beijo de Luíza

Gustavo de Abreu

Depois de um dia cheio de desafios e de muito trabalho, Samuel, o menino do bigodinho loiro decidiu ir a um bar famoso de sua cidade, para curtir com seus amigos de sempre. Esses amigos estavam ao seu lado independente da situação e, o melhor de tudo, não corriam de uma boa e velha briga de bar.

Após chegarem ao bar mais famoso da cidade chamado Bot, os meninos pagaram sua caríssima entrada e foram atrás de um lugar para se acomodar. Samuel, o menino que está sempre com seu bigodinho e sua felicidade lá em cima, achou uma mesa e se sentou com seus dois amigos: Gonzalo, o amigo que trabalhava junto com Samuel e Jonas que foi amigo desde a infância dele. Na mesa 08, os meninos logo começaram a se embriagar com a cerveja mais gelada e mais famosa do bar Bott.

A prosa dos rapazes não parecia ter fim, até chegar a menina mais bonita da cidade, balançando seus longos e lisos cabelos morenos junto do seu belo e modesto corpo violão. Seu sorriso que refletia as poucas luzes do bar.

Nenhum homem se sentia encorajado em falar com a moça. Samuel ao se deparar com a beleza deslumbrante da menina, pensou que poderia ser ele a falar com a moça dos cabelos morenos. Com seu bigodinho loiro e a vergonha perdida por conta das cervejas tomadas, iniciou uma conversa leve, daquelas boas conversas de mesa de bar.

Os amigos já tinham percebido que a conversa mole dera resultado, principalmente depois que Samuel tirou a moça para dançar uma boa moda sertaneja. Todos do bar se encantavam com os passos do novo casal e, no final, aplausos tomaram conta das mesas lotadas. Foi um sucesso e depois de tantos aplausos da galera, um beijo doce e sincero aconteceu entre os dois.

No final da festa, os amigos de Samuel foram para casa deixando-o sozinho com a moça. Um homem desconhecido deu um banho de bebida em Luíza que ficou totalmente molhada e suja. Samuel foi tirar satisfação, mas o homem, apesar de bêbado, era muito alto e forte, tinha cabelo raspado com o símbolo de uma gangue conhecida da cidade.

Os olhares dos dois se cruzaram e se podia ver em seus olhos, extremamente dilatados pela bebida, ou seja, lá o que mais um desejo de sangue.

Um revólver calibre 38 despontou de sua cintura e foi apontado para a cabeça de Samuel. Todos do bar saíram correndo imediatamente, Luíza também, deixando somente os dois lá dentro.

Depois de escutar alguns disparos do lado de dentro, Luíza começa a chorar muito. A polícia chega rapidamente ao local, os curiosos são afastados.

A noite termina, mas o drama de um amor bandido não se resume a tiros...

O último suspiro

Natália Dias Endrigo

Mais um ano que completo vendo o sol desaparecer por trás das ondas do mar mais bonito e límpido que cheguei a conhecer. Olho para aquele céu, onde as cores se misturavam entre tons de azul, rosa e amarelo e meu pensamento vai longe. A brisa balançava suavemente meus longos cabelos loiros, enquanto eu esperava o anoitecer, sentada em uma toalha próxima às belas flores coloridas que embelezavam ainda mais o local.

Eu era uma jovem moça que ainda tinha muito que viver. Curtia aquele momento com uma intensidade não muito forte, sem tanto prazer assim, aliás, era só mais um término anual de muitos, todos os anos podia desfrutar aqueles sentimentos que só é possível explicar nesse lugar.

De repente, perdi meu foco com uma lágrima caindo no centro da fotografia, e depois disso desabei em um choro de alguns minutos. Algumas perguntas passavam em minha cabeça: Por que não valorizei cada segundo que eu tive a oportunidade de desfrutar? Fiquei muito pensativa, ansiava respostas.

Na última metade desse ano, contraí uma doença muito grave. Para minha surpresa, ninguém sabe o que é e nem uma forma de revertê-la. Eu tenho claro em minha mente que estou em meu leito de morte, vivendo meus últimos dias, já que os remédios que tomo só servem para aumentar, um pouco, minha expectativa de vida.

Hoje tudo isso é uma lembrança, observo a foto que tirei no último ano, e sinto uma nostalgia tão boa. Olho para o lado e vejo o sol se pôr, pela pequena janela do hospital onde estou faz três meses. Queria ter a chance de voltar atrás e valorizar cada segundo que tive naquele lugar que transmite uma paz enorme. A única coisa que tinha espaço na minha cabeça era o valor das coisas. Por que só valorizamos quando as perdemos? Nunca se sabe quando vai ser a última vez, então qual o problema de curtir cada segundo como se fosse o último?

O sol se pôs, e junto dele Jane pousou seu último suspiro. A visão começou a ficar cada vez mais embaçada, tudo pareceu mais distante e então uma grande movimentação no quarto, os médicos fizeram o possível, mas ela não suportou, foi mais fraca que a doença que existia em seu corpo.

Um bilhete havia sido deixado sob seu travesseiro, os médicos encontraram. Nele estava escrito “Viva de forma intensa, encare os erros como um aprendizado, viva o presente e esqueça o passado. Aprecie cada momento, por mais simples que ele seja. Você tem 86.400 segundos por dia, para fazer da sua vida melhor.”

Por sangue entrelaçadas

Letícia Carolina de Moraes

A água do chuveiro deslizava sobre seu rosto, o vapor subia lentamente, Caetano não pensava em outra coisa, a noite passada, sua mão suavemente percorrendo as curvas dela, as mãos umedecidas por suas entranhas, aquele beijo tão doce, os fios de cabelo entre seus dedos...

- Querido, eu sei que trabalhou demais ontem, e hoje não quer sequer sentir o cheiro do escritório, mas se não sair do chuveiro agora, eu irei me atrasar.

Ele saiu apressado, mesmo sem vontade alguma.

- Tchau querida, tenha um bom dia, hoje terei que fazer hora-extra de novo, não me espere para o jantar...

Há tempos a despedida do casal deixara de ser um beijo apaixonado, ou um selinho sequer, dizer eu te amo era raro, um típico casamento que caía na rotina, as brigas não eram frequentes, ambos já não se importavam o suficiente para brigar.

Isis saiu do banho, passou uma maquiagem para camuflar o olhar cansado que carregava, ela não era mais a mesma, não era mais tão jovem e disposta, nem tão bonita, quanto à época em que conheceu seu marido.

Minutos depois, percebeu que Caetano havia esquecido seu casaco, o que já era corriqueiro, pegou-o do sofá e, no mesmo instante que se move em direção à porta, para levá-lo até o carro, nota que de seu bolso cai um bilhete.

“Quero te saborear de novo amanhã...”

Ao ler aquilo, um calafrio tomou conta de seu corpo, um sentimento de perda, insuficiência, inferioridade, tristeza. Durante o dia, na editora em que trabalhava, fez inúmeras pausas, chorou lá mesmo, dentro do banheiro, por vezes achou que não suportaria a dor que se apropriava de seu peito. Ao final do expediente, resolveu dar uma caminhada, para distrair sua mente por alguns instantes, afinal, não sabia o que dizer para Caetano, quando ele chegasse em casa.

Isis chegou do trabalho, preparou a mesa para um café, tomou um banho, e esperou pela chegada de seu marido...

- Boa noite meu amor, como foi o trabalho?

- Entediante! Agora preciso de um banho, esta semana está me matando!

- Tem certeza de que estava no trabalho?

- Com certeza, meu amor, que pergunta é essa?

- Não foi o que eu li, no bilhete que encontrei no seu casaco.

- Como assim? Do que você está falando?

- Eu sei sobre sua amante, que estava com ela agora.

- Se acalma Isis, eu posso explicar...

- Explicar pra quê? Só para me dizer que tem uma amante? Não precisa, assinamos o divórcio amanhã mesmo!

- Não meu amor, você está se precipitando! Eu amo você.

- Qual o nome dela?

- Me desculpe, você sabe que estamos em crise, não transamos há meses, eu estou fraco, carente precisando de afeto. Eu a encontrei, você sabe, só uma distração, é você quem eu amo, isso nunca vai mudar, eu vou terminar tudo com ela.

- Eu não acredito, como você teve coragem?

- Beatriz.

- O quê?

- O nome dela, é Beatriz.

Aquela foi a pior noite, Isis não conseguiu pregar os olhos, virou de um lado para o outro na cama, a noite toda, pensando sobre o quão insuficiente ela deveria ser, a ponto de seu marido procurar afeto em outros braços.

O desespero e o sentimento de arrependimento tomaram conta da mente de Caetano, como ele havia permitido que sua esposa se magoasse, apenas por meras noites de diversão? Ele decidiu dormir na sala aquela noite, Isis precisava de tempo, para se acalmar e digerir tal situação. Na manhã seguinte, Caetano estava decidido, a deixar tudo para trás, e seguir com seu casamento...

Pensou em começar por um ato de carinho, demonstrando sua fragilidade perante Isis.

- Bom dia querida, eu quero te pedir minhas mais sinceras desculpas, que esqueçamos essa situação, não deixe que isso abale nosso casamento, eu te amo muito.

- Eu quero encontrá-la.

- Quem? Do que está falando?

- Beatriz, eu quero conhecê-la.

Naquele instante, Caetano sentiu um profundo calafrio, ficou muito confuso... Como apresentar sua amante, a pessoa com quem vinha saindo há poucas semanas, à mulher que ele havia jurado amor eterno e fidelidade?

- Não seja infantil, você não precisa disso, esqueça essa garota. Vamos seguir em frente com nosso casamento, somos duas pessoas que se amam.

- Eu estou falando sério, quero que a chame para tomarmos um vinho, resolvermos isso como pessoas adultas. Se você permitiu que ela abalasse nossa relação, eu quero que agora permita que eu a conserte.

- Está bem, já que você quer, pedirei a ela para vir hoje, com a condição que você aja com maturidade.

- Que tipo de pessoa acha que eu sou? Pensa que vou expulsá-la daqui a tapas?

Caetano simplesmente não sabia o que dizer para Beatriz... Como convidar sua amante para conhecer sua esposa? É no mínimo uma atitude totalmente inusitada.

Depois de ensaiar inúmeras vezes, decidiu superar sua insegurança e ligar de uma vez para Beatriz.

- Alô? Caetano?

- Oi minha linda... Como está?

- Estou bem sim, aconteceu alguma coisa? Sua voz está diferente...

- Você está livre hoje à noite?

- Estou sim... Está tudo bem?

- Você nem imagina, minha esposa encontrou o seu bilhete no meu casaco.

- Meu Deus! E o que ela disse? Vocês vão se divorciar?

- Você não tem ideia! Ela quer conhecer você! Convidou para tomar um vinho com ele hoje à noite.

- O quê? Eu não acredito! Está de brincadeira?

- Não estou não...

- Então quer que eu vá até sua casa hoje à noite?

- Se estiver tudo bem pra você...

- Esta bem, tchauzinho.

Beatriz desligou o telefone e teve uma crise de risos... Que inesperado! Uma mulher querendo tomar um vinho com a amante de seu próprio marido?

Como ela iria chegar à casa de Caetano? Mesmo assim, após a faculdade, decidiu ir direto para a casa, tomou um banho, e colocou o vestido preferido de Caetano, afinal, não poderia decepcioná-lo.

Quando seu expediente no escritório terminou, Caetano passou pelo supermercado, comprou o melhor vinho que encontrou. Não sabia o que pensar, ou até mesmo o que sentir... Antes de continuar o caminho de casa, passou por um bar para tomar um conhaque, refletir sobre o rumo que sua vida estava prestes a tomar... Ao terminar sua dose, ele já não era o mesmo, a cada gole milhões de pensamentos passavam por sua cabeça.

E Isis preparou tudo, esperou ansiosamente, pelo momento em que Beatriz entraria por aquela porta, a mulher que, em dois dias havia virado sua vida de cabeça para baixo, que havia tirado o seu chão, e quando isso aconteceu, foi totalmente diferente do que ela havia imaginado, Beatriz era gentil, lindíssima, simpática, e foi muito receptiva.

- Boa noite querida, muito prazer, eu me chamo Beatriz.

- Ahh... Oi, é um prazer conhecê-la, eu sou a esposa do Caetano, Isis.

- Minha nossa, nós temos tanto a conversar, eu estava muito ansiosa para te ver, você parece ótima, Caetano falou muito de você.

- Ah é mesmo?

Caetano, ao ver Isis e Beatriz, sentiu um breve enjoo, ficou extremamente desconfortável... Não sabia o que sua esposa queria de fato falar para sua amante, a dúvida fez com que ele precisasse ir para a cozinha, tomar talvez uma água, para acalmar seus pensamentos.

- Enquanto as moças vão tomando um vinho aí na sala, eu vou preparar o jantar.

- Vai sim, meu bem, estou morta de fome! E aposto que a Isis também! Não é?

- Com toda a certeza... Sente-se Beatriz... A propósito, o que você faz?

- Da vida? Eu curso psicologia, e você?

- Trabalho em uma editora.

Por um breve momento, houve um silêncio devastador, tanto Beatriz quanto Isis estavam, de certa forma, constrangidas com a situação e não sabiam como começar uma conversa...

- O Caetano me falou brevemente sobre a situação de vocês... Quer conversar sobre isso?

- Para te falar a verdade, eu realmente gostaria de esquecer essa história, isso não precisa ser algo ruim ou negativo para nosso casamento... Se possível, quero manter uma relação de amizade entre nós.

- Com certeza, eu estou bem animada, ele me disse que és muito engraçada, que sabes contar piada como ninguém! Eu simplesmente adoro piadas, especialmente as sem sentido!

- Disse? Ah, pois então vai gostar de ouvir essa...

Elas conversaram sobre os mais diversos assuntos, contaram piadas, histórias da adolescência e também sobre Caetano... Há tempos Isis não tinha uma noite como essa... Então riram até não poder mais.

- Sabe Bea, posso te chamar assim? Eu entendo por que meu marido te procurou, você é simplesmente incrível, além de linda é claro.

- Ah imagina, pode me chamar como quiser... Eu também te acho uma mulher e tanto.

- Eu gostei muito de poder te conhecer melhor... Agradeço por ter vindo.

- Eu é que agradeço pelo seu convite, é uma atitude muito inusitada para uma mulher que foi traída, receber a amante de seu marido tão bem.

O interesse era mútuo entre as moças sentadas no tapete, já um pouco embriagadas, começaram a trocar carícias em seus cabelos, cada vez mais próximas, até que seus lábios se encontraram, Beatriz beijou-a com tanta vontade, tão apaixonada, parecia que conhecia Isis há anos... E Isis... Em outro mundo, não conseguia pensar em nada, nem queria estar em qualquer outro lugar, foi mágico, encantador, ela estava prestes a se apaixonar...

Quando então Caetano atravessou a porta que dividia a cozinha e a sala, ali estavam elas... Isis e Beatriz beijando-se, no chão, bem na sua frente, ao ver aquilo, ele já não era o mesmo... Ele não podia julgar Isis, ele a havia traído, aquilo não era como uma vingança, era apenas uma tentativa dela de consertar o casamento deles.

Ao mesmo tempo em que sentia um desejo incontrolável, Caetano ficou sem palavras, portanto decidiu entrar no clima e fazer companhia para as moças...

- Aí estão vocês duas! E começaram as coisas sem mim?

- Claro que não meu bem, estávamos só esperando você...

E aconteceu ali mesmo, no sofá, entre beijos e carícias, os três viraram aquela noite de quarta-feira. Beatriz e Isis sentiram uma conexão muito forte, laçaram-se e entrelaçaram-se, a noite toda, lamberam, beijaram, gritaram, gemeram...

O dia já estava por amanhecer, e Beatriz, apesar de ter ficado muito à vontade na noite anterior, já se sentia desconfortável, e estava quase atrasada para a faculdade.

- Não, não, fica mais, espera a gente voltar pra almoçar, eu te deixo na faculdade...

- Mas e as minhas coisas? Não posso ir desse jeito.

- Eu te empresto uma roupa minha, devemos vestir o mesmo tamanho, e enquanto vamos para o trabalho você fica e toma um banho.

- Nós só fomos para cama uma vez e você já está me agradando assim? Assim fico desconfiada, hein...

- Ah, deixa de besteira, só estou sendo gentil... Você fica pra almoçar conosco?

- Se não for muito incômodo...

Durante o seu banho Beatriz só conseguia pensar em Isis, como aquela noite havia sido incrível, e sobre a mulher encantadora que conhecera, era evidente que aquele beijo havia mexido com ela. Do mesmo jeito ficou Isis, viajando completamente em seus pensamentos...

Caetano não conseguiu fazer quase nada naquela manhã, passou o tempo no escritório riscando círculos no papel... A noite passada havia sido incrível, mas como seria no almoço? As duas já não estariam mais embriagadas e nem tão animadas quanto no dia anterior... Será que Isis estava tentando atingi-lo beijando Beatriz?

- Bom dia Isis, Caetano... Como foram no trabalho? Já que eu decidi ficar, tomei a liberdade de fazer um almoço para nós, para compensar.

- Não precisava Bea! Imagina... Não é nenhum incômodo você ficar aqui.

- Mas mesmo assim, muito obrigada, assim me poupou de ter que cozinhar hoje...

- Eu que agradeço, foi bom demais te conhecer Isis, vocês são simplesmente encantadores! E eu acho que agora é a vez de vocês irem conhecer meu apartamento... Que tal nessa sexta?

- Claro! Depois do trabalho passamos por lá.

Nesta noite, Isis mal pôde dormir, não parava de pensar no que ela e Beatriz haviam conversado, no beijo da noite passada... Seria só entusiasmo ou ela de fato estava apaixonada por uma mulher que acabara de conhecer?

A dúvida também consumiu a noite de Beatriz, que escreveu e apagou inúmeras mensagens para Isis, mas todas as vezes terminava sem palavras para descrever o que sentia.

Caetano, tomado pela insegurança, decidiu demonstrar para sua esposa o desejo de continuar seu casamento sem Beatriz...

- Querida, o que acha de tomarmos um banho juntos? Você sabe que não precisamos da Bea para nos divertir, ela é só um passatempo, uma diversão...

- Diversão? Eu não sei como você pode iludir alguém assim, ela gosta de você, gosta da gente de verdade!

- Você está mesmo levando isso a sério? Nós só estamos transando com essa garota por uns dias, nada demais, ela não dá a mínima, acha que ela não sai com outros rapazes da faculdade?

Isis lhe deu as costas e foi trabalhar, como seu marido poderia ser tão insensível? Mentir para alguém desta maneira, e tratar Beatriz como se fosse nada? A raiva passou, e ao final do expediente, Isis tomou o telefone em suas mãos, e ligou para Beatriz...

- Alô?

- Olá Bea... tudo bem? Sou eu...

- Isis! Como você está? Que bom que você me ligou, fiquei sabendo que hoje tem a inauguração de um restaurante sensacional! Vocês querem ir?

- Ah, olha, na verdade eu pensei em fazermos alguma coisa só nós duas...

- Eu topo! Que tal um barzinho?

- Está bem, passo te pegar em meia hora.

Isis não pôde se conter, em cinco minutos já estava em frente à universidade em que Beatriz estudava, de dentro do carro, ela podia observar as folhas das árvores, movendo-se suavemente, como se estivessem pintando o céu... Pensava sobre Caetano, todos os anos que passaram juntos, que haviam desmoronado em poucos minutos, e também sobre Beatriz, toda a conexão que ambas sentiram, aquele sentimento maravilhoso...

- Isis? Está tudo bem? Parece tão distraída...

- Imagina, só estou cansada, podemos ir?

- Claro, vamos lá, eu acho que você vai amar o lugar, é bem alternativo, é a sua cara!

Entre taças e mais taças de vinho, doses de uísque, risadas, trocas de carinho e palavras eróticas, as duas já estavam embriagadas e assim embarcaram no carro, a caminho da casa de Beatriz. Quando chegaram, foram em um só beijo até a cama, e assim se entrelaçaram a noite toda. O telefone

tocava, Caetano ligou dezenas de vezes, mas, sem sucesso, acabou desistindo.

Caetano rolava de um lado a outro da cama, estava inseguro, desamparado, sabia que não seria capaz de perdoar Isis caso fizesse algo.

Ao amanhecer do dia, Isis se deu conta do tempo, já era de manhã e ela tinha que ir para a editora...

- Meu Deus, eu não acredito que passei a noite aqui...

- Relaxa, pega uma roupa minha mesmo, e vai para o trabalho.

- Não precisa não, obrigada. Só me faz um favor?

- Claro.

- Não comenta com o Caetano que nós saímos, e que eu passei a noite aqui...

- Tudo bem, pode deixar, o que acontece aqui, fica aqui. E, aliás, obrigado por essa noite maravilhosa, você foi incrível.

- Caramba, nem me fala nisso, foi uma delícia, eu te a... ops, força do hábito.

- Ah sim, eu entendo...

Quando chegou para o almoço, Isis não sabia como justificar a ausência durante a noite, ela e Caetano fizeram silêncio à mesa... Ambos estavam muito tensos, de um lado a insegurança com uma possível traição, de outro, a dúvida, largar tudo o que haviam construído durante anos por uma deliciosa incerteza?

- Onde você esteve? Eu te liguei a noite toda!

- Estive por aí, fui beber em um bar e acabei perdendo a noção do tempo...

- Está de brincadeira? Você acha que eu sou retardado? Você simplesmente sai para transar com um qualquer e espera que eu aceite!

-Não é bem assim, você devia saber, de transar com desconhecidos você entende.

- Cala a boca! Ontem mesmo você estava me falando sobre como a Beatriz gostava de nós e como eu devia respeitá-la.

- Se o nosso casamento, vai se basear nela, eu acho melhor você ir embora dessa casa Caetano! Pra mim já chega! E se você quer saber, eu passei a noite na casa da Bea, nós saímos, bebemos e depois transamos, eu amo Caetano, amo!

Isis lhe deu as costas e saiu pela porta, já não suportava mais aquela situação... Caetano perdera o chão... Depois de todos esses anos, ele seria trocado daquela maneira? Simplesmente desprezado, jogado no lixo, em troca de sua própria amante? Como foi capaz destruir seu casamento de tal forma? Sua mente foi tomada por pensamentos negativos, insuficiência, nojo de sua própria carne... Andou de um lado para o outro, esmurrou a parede, gritava tão fortemente... Quando então andou até seu criado mudo, no qual guardava uma arma.

Caetano ficou sentado ao lado da cabeceira da cama durante longas horas, as lágrimas escorriam por seu rosto, até cair sobre sua camiseta branca, mal conseguia segurar a arma, colocou o dedo sobre o gatilho, mas não conseguia puxá-lo... Até que enfim, tomou coragem, a bala atravessou seu peito, e em poucos segundos, já estava sem vida.

Isis já estava no apartamento de Beatriz, enquanto o sangue de Caetano vertia, formando uma grande poça no quarto do casal...

E as duas?

Entrelaçadas...

Salinha 24

Renata Rech

Já era tarde, a tradicional festa da alegria estava acontecendo. Mais um ano em Boston, 2 dias de diversão, festa muito importante para todos, pois acontecia de 8 em 8 anos. Todos já tinham ido embora. Bem, nem todos: Marianna e Eduardo haviam ficado para ajudar na arrumação do salão, festa de igreja sabe como é, chão para limpar, mesas e cadeiras para empilhar, lixo por todo lado...Os amigos com seus 15 anos eram dispostos, ajudavam como podiam.

Enquanto Marianna passava pano pelo imenso salão de piso claro, Eduardo ajudava Frei Mario empilhar as cadeiras na salinha 24, sala escura, tinha apenas uma janelinha ao lado do armário. Depois que arrumaram tudo, os três foram dormir nos quartos que havia no mesmo salão onde a festa tinha acontecido, quartos simples, tinham apenas uma cama cada um.

Era meia noite e meia eles ainda estavam acordados, não sabiam o porquê não conseguiam dormir. Até que Frei Mario decidiu contar lendas e mitos que supostamente aconteceram naquele lugar...

Dia 12 de julho de 1984, uma menina que se chamava Paula, olhos claros, loira, tinha apenas 16 anos, é encontrada sem vida na salinha 24, no segundo dia de festa. Ninguém sabe quem a matou, a polícia foi chamada. Quando encontraram seu corpo, um detalhe chamou atenção: no seu cabelo havia uma faixa vermelha, parecia com uma tiara, nela estava estampada a seguinte data: dia 12 de julho de 2000. O que essa data significava?

Os amigos já estavam cansados e com muito sono, foram deitar. No dia seguinte, ao amanhecer, foram novamente arrumar o salão, a festa tinha que continuar. Animados, se divertiram com suas famílias. Estava prestes a anoitecer, Marianna e Eduardo ficaram mais uma noite para ajudar na arrumação e na limpeza do salão.

23 horas, os amigos estavam indo deitar, Marianna estava sentindo estranha, seu coração estava disparado, enquanto isso Frei Mario e Eduardo dormiam tranquilos em seus quartos. Já eram 23 horas e 57 minutos quando Marianna sai do seu quarto para buscar um copo de água.

Meia noite e dois minutos, Frei Mario acorda assustado, ele tinha ouvido um barulho, muito alto e agudo, parecia um pedido de socorro. Muito assustado, vai correndo acordar Eduardo, os amigos decidiram ver o que tinha acontecido. Procuraram o salão inteiro, não acharam nada, mas ao passar na frente da salinha 24, uma coisa chamou atenção: a porta estava aberta, decidiram entrar.

Ao entrarem na salinha, um susto: Marianna estava morta e em seu cabelo uma faixa vermelha estampada a seguinte data: 12 de julho de 2016. Assim como estava no cabelo de Paula que havia sido encontrada morta no mesmo local, 16 anos atrás...

Lembranças

Wesley Alves Farias

Ainda me lembro do rosto daquele pobre diabo cuja vida foi tirada pelas minhas mãos. Ao remover seu escalpo com a minha lâmina cega e enferrujada, foram muitas gargantas já cortadas, vi seu olhar de medo. Mas ele era só mais um dentre vários miseráveis que eu já matei, foram tantos que nem me lembro do número.

Lembro-me das inúmeras campanhas em HUÊ, vários mortos de todos os lados aliados e aqueles malditos amarelos que subiam em árvores e nos feriam com armadilhas, ainda não acredito que perdemos a guerra para aqueles animais que prenderam e torturaram vários dos meus irmãos, dos meus compatriotas.

Eu ainda me lembro do dia que fui preso e obrigado a ver execução dos meus amigos fuzilados e jogados em uma vala como uns animais, lembro-me dos vários dias que passei naquela prisão rústica feita com bambus, e daquele calor infernal do Vietnã, do fedor daquele lugar, da risada dos vietcongues e das várias torturas por que passei antes de fugir.

Lembro-me do dia que fugi e dos vários irmãos que deixei lá, eram muitos e eu não pude levar todos, e me culpo todos os dias por isso, por deixá-los lá para morrer. Depois de fugir, eu e mais alguns fomos abordados pelos liados que dias depois novamente nos colocaram para lutar nessa maldita guerra, nos dando um fuzil, roupa e um pé na bunda. Para eles nos éramos apenas homens que servem só pra morrer e enriquecer um país sujo e corrupto.

Lembro-me do dia que voltei à guerra e do terror que presenciei com florestas cobertas de uma nevoa de gás mostarda que matou vários, tanto inimigos quanto aliados. Foi um massacre depois que o gás se dissipou percebemos que via até inocentes entre as mortes: crianças, mulheres. Depois daquele dia, eu prometia a mim mesmo que nunca voltaria para guerra.

Mas como um mero soldado, eu não poderia sair, era obrigado a matar, só servia para isso. Até mesmo depois da guerra, quando voltei para casa, eu sabia que não era o mesmo lugar, as mesmas pessoas. Eu estava diferente, tinha mudado e o mundo também mudou, eu não o reconhecia e ele me desprezava parecia que todos eram meus inimigos me tratavam como um monstro depois de tudo que fiz e vivi, eu pensava que a guerra era tudo, mas agora descobri que era o fim.

A rinha do corvo

Gonçalo Faedo Fontana

Em uma pequena cidade no interior de Santa Catarina, a rinha de galo era muito comum, muitas pessoas até ganhavam a vida com essa prática. Nessa região, vivia Edílio um jovem muito inteligente e trabalhador, que morava com os pais em uma pequena propriedade rural.

Nessa propriedade, Edílio e seus pais criavam algumas galinhas, para produção de ovos e carne para consumo próprio, mas dessa pequena criação um galo se destacava, pois, dominava as galinhas de toda a vizinhança e tinha respeito de todos ou outros galos, era muito bom de briga.

Por incrível que pareça não era um galo índio e de nenhuma outra raça que seja específica para rinha, era um galo carijó de raça comum, muito bonito, por sinal chamando atenção por sua beleza.

Quando Edílio percebeu que seu galo era muito bom de briga resolveu usá-lo para ganhar um dinheiro extra. Então começou a realizar algumas rinhas, o animal ganhou um novo emprego, o jovem e seu galo começaram a ficar conhecidos porque ganharam todas as rinhas que disputaram, o jovem ganhou um dinheirinho considerável e pôde ajudar sua família.

Com o sucesso do jovem, seu galo ficou conhecido como Espora de Prata por colocar medo em todos os criadores de galos da região. A notícia do jovem com seu galo invencível se espalhou muito rápido e chegou ao ouvido do maior criador de galos do estado, o coronel Delclésio Albuquerque.

O coronel era um homem muito rico que tinha uma academia de galos com treinamento especializados. Os seus galos eram conhecidos no Brasil inteiro por raramente perderem uma luta. Certo dia, um de seus comparsas o questionou, porque não desafiava o jovem do interior que estava fazendo sucesso por ter um galo que não perdia pra ninguém. O coronel que não gostava do desafio mandou um de seus empregados viajar até a cidade do jovem e ofertar 50 mil reais, mais as despesas das passagens para aceitar o desafio.

Depois de alguns dias do sucesso repentino de seu galo Edílio recebeu a visita inesperada, era um comparsa do coronel, um homem alto, cara fechada que após se apresentar fez a proposta para o jovem: O coronel lhe ofereceu uma oferta de 50 mil caso seu galo saia vencedor da batalha, além disso já deixou o dinheiro certo da passagem para o dia da luta.

O jovem que não era de fugir de desafio disse que apostaria 1.000 reais, mas se ganhasse queria os 50 mil, então com isso marcaram o dia da rinha e como iria funcionar, Edílio já pegou o dinheiro da passagem e disse que no domingo de manhã, estaria lá. Os dias passaram então chegou o dia da viagem.

Era sábado à noite, Edílio colocou seu galo em uma gaiola e foi para rodoviária, ao entrar no ônibus o motorista disse que o galo não poderia ir dentro do ônibus, teria que ir no bagageiro. Não havia outra opção, eles tinham que fazer a viagem, então seguiram o caminho. A viagem durou a noite toda, ele não conseguiu dormir em nenhum momento estava muito nervoso, pois a luta poderia mudar sua vida.

Até que enfim o ônibus chegou à rodoviária, Edílio desceu, mas quando foi pegar seu galo teve uma surpresa, seu galo estava morto. Até hoje não se sabe ao certo de que o Espora de Prata morreu, Edílio ficou atordoado. E agora? Além da tristeza, havia o compromisso com o coronel. Não queria morrer por não cumprir o trato.

O jovem tinha até a uma hora da tarde para conseguir um galo para apresentar. Já não havia outra escolha tinha que arranjar um galo às pressas para lutar contra o galo do coronel.

Ele foi então até um pequeno criador de galo, um velhinho que morava logo adiante do centro da cidade.

Chegando lá explicou o que tinha acontecido e que precisava comprar um galo para luta, o velho lhe disse que não tinha nenhum galo à venda, principalmente para lutar contra o coronel, contou também que o coronel comia a crista de todos os galos que perdia a luta na janta do dia. Edílio não conseguiu convencer o velho a vender um galo pra ele.

Continuou procurando um animal que pudesse ajudar a salvar a sua pele. Passou em várias academias, e ninguém queria vender um galo pra lutar contra o temido galo do coronel. O tempo foi passando e ele ainda estava sem galo, andava pela cidade com uma gaiola velha e uma mochila com o seu dinheiro. O relógio marcava meio dia e ele estava com muita fome resolveu então procurar um lugar para almoçar.

Ao atravessar a rua para chegar em um pequeno restaurante viu um cachorro ser morto por uma camionete, mas não deu importância e entrou no restaurante para almoçar. Edílio se serviu e sentou em uma mesa, perto da porta virada para a rua para olhar o movimento, os carros passavam e tinham que desviar do animal morto na estrada, até que dali alguns minutos um corvo que deveria estar com muita fome chegou para comer os restos do animal.

E foi aí que surgiu a brilhante ideia de pegar aquele corvo para rinha, ele saiu do restaurante após pagar a conta, e foi passo a passo para pegar o corvo que estava com tanta fome que nem percebeu que o jovem estava chegando. Ele rapidamente pegou o corvo colocou na gaiola e cobriu a gaiola para que ninguém achasse estranho, e como já estava chegando a hora da rinha, ele foi até o local marcado.

Chegando no rinhadeiro, Edílio se espantou, pois a rinha tinha uma plateia muito grande, muitas pessoas gostavam dessa batalha, os donos dos galos se cumprimentaram, e o dinheiro foi posto sobre a mesa, era uma quantia bem grande, 51 mil reais para o vencedor. Até que chegou a hora da apresentação dos “galos” o galo do coronel entrou no rinhadeiro: um galo vermelho alto, forte com algumas cicatrizes é uma espora muito comprida, quando Edílio soltou seu “galo” todo mundo se surpreendeu era um corvo magro com seu pescoço comprido e feio.

O coronel Delclesio ficou assustado, pois não entendeu como aquele corvo iria lutar com seu galo, mas sabia que seria muito fácil. Os animais foram soltos, o galo do coronel foi rapidamente em direção ao corvo que sem fazer nada levou uma esporada no pescoço, o Corvo caiu no chão, mas logo resolveu reagir deu uma bicada na cabeça do outro galo e arrancou a cabeça do galo do coronel, o galo caiu, sua cabeça sangrando na frente do corvo que rapidamente começou a comer a cabeça de seu adversário.

Todo mundo se assustou, pois, o galo do coronel nunca tinha perdido uma luta, o jovem pegou seu corvo e o dinheiro da aposta, agradeceu a plateia e quando ia para casa disse ao coronel: hoje seu risoto não tem crista de galo nenhum...

Loucura Intermitente

Kauan Maruiama

Ele suspirou, procurou o ar, mas não encontrou. Ao seu redor existia apenas uma luz saindo de sua janela, “um tom de sépia” ele afirmou. Um tom de sépia que combinava com o sangue no chão, uma mistura envolvendo escarlate que se misturava e deixava outra cor: um marrom morto no carpete.

Suas paredes cheiravam muito mal, eram todas mofadas, algo parecia estar apodrecendo ali dentro. “Por quê?”, ele se voltou para o cadáver em seu chão, por que isso aconteceu? O que havia com ele, que vida maldita levaria a tal acontecimento?

Veio em sua mente uma lembrança que o iluminou, coloriu a morbidez que existia no local, o sorriso da sua filha, ela era tão preciosa, sua feição era tão doce, tão frágil. Logo a lembrança foi substituída por uma raiva crescente, queria matar o maldito que havia feito aquilo.

Pensou em chamar a polícia, mas seria uma perda de tempo. A polícia iria apenas prender o desgraçado e não haveria sofrimento, ele queria torturar, arrancar seus membros, trazer uma morte lenta, levá-lo aos poucos para o inferno.

Viu uma última vez o corpo de sua filha, enterrou-a em um bosque próximo de sua casa, na madrugada, pelo menos só o sangue restava. Assim, limpou o carpete e enquanto o fazia, sentia que sua raiva aumentava, amaldiçoou cada geração da família do maldito, afinal, que tipo de gente poderia criar uma pessoa assim? Após limpar, ele foi para seu quarto, lá seu pensamento de vingança se acentuava a cada momento, de madrugada, finalmente, dormiu.

O sonho veio devagar, consumindo-o, via ele próprio e sua mulher que estavam juntos em um campo aberto, em um dia de sol. Viu sua filha correndo, o vento que fazia seu cabelo voar, a grama tão verde quanto esmeralda, “Uma calmaria tão boa, não é mesmo amor?” Sua esposa falou com uma voz macia, ele concordou com o rosto. Naquele momento estava em paz.

Mas então do campo surgiram faíscas, fumaça e por fim, fogo. Suas mãos se alongaram fazendo sua pele rasgar, suas unhas e dentes cresceram, seus olhos ficaram grandes, ele havia se tornado um monstro.

Logo avançou em direção a sua mulher, que em uma expressão de horror apenas lhe questionava “Por quê!? Por quê!?” Ele também não sabia, mas arrancou sua cabeça mesmo assim. O monstro esperou um rio de sangue, mas da sua jugular saiu, ao invés disso, um cardume de abelhas, seguido por lesmas e, por fim, um lodo com cheiro de vinagre.

Partiu para sua filha, viu de seu rosto uma, depois duas e finalmente, várias lágrimas. Quando focou nos seus olhos, vertiam rios de sangue que

evaporavam com o fogo ao seu redor, deixando uma massa grossa e mórbida no chão. Um grito agudo e depois nada mais.

Acordou e olhou ao seu redor, tudo fora um sonho, um devaneio. Mas apesar da imaginação de seu subconsciente levá-lo àquele lugar podre e horrível, ele sabia que o monstro no qual ele havia se transformado era muito, muito real.

Tirou o cobertor suado de seu corpo. Já não aguentava mais tudo aquilo, o seu edredom ensopado confirmava isso, era hora, já havia passado da hora. Então, manteve-se em uma postura ereta e deu alguns passos, a sua frente havia libertação daquele mundo mofado, cor de sépia e imundo.

Descia os degraus, um, dois, três, a cada degrau havia uma nova lembrança de sua família, de momentos alegres que passaram juntos, memórias de sua mulher, do cheiro de comida às sete da noite. E, por último, de sua filha, que era como um anjo, tão pura, tão bela, por que ele havia feito aquilo?

Foi até a sua cozinha, observou um fio enferrujado que havia na sua gaveta, naquele momento já não aguentava mais pensar, nem sequer lembrava por que havia feito aquilo. Estava sufocado com tudo, não queria mais ter aquelas memórias, de sua filha, da sua maldita filha, e sinceramente, nem se importava mais.

Riu, riu da sua insignificância, da insignificância do mundo ao seu redor. Riu do patético homem com qual ele tinha o árduo trabalho de compartilhar um corpo e de como esse homem quase acabou com sua própria vida apenas por causa da morte de duas pessoas. Para ele não eram seres humanos, com sentimentos e outras idiotices, não, eram apenas pessoas ou coisas, por assim dizer.

Não ia deixar sua diversão acabar apenas por causa de um homem, não, ele precisava do prazer, da euforia, do êxtase. O fio enferrujado já não serviria mais para cometer o crime contra si, mas sim para buscar a carnificina, a morte.

E mesmo que intermitente, para buscar a loucura que tanto desejava caminhava em direção a sua próxima vítima.

O Trio de Lostville

Bruna Bayer Tambosi

Lostville era uma cidade pequena, cheia de árvores que formavam uma grande e maravilhosa floresta ao redor da cidade. Todos os moradores se conheciam, eram felizes com suas vidas pacatas. Um exemplo é o vendedor de pipoca, todos os dias após a escola, as crianças ao andarem de bicicleta paravam comprar pipoca na barraquinha. O pipoqueiro já sabia a quantidade de pipoca que era vendida no dia e o nome de todas as crianças que compravam. Talvez fosse por isso que os acontecimentos deste ano abalaram tanta gente. Fevereiro de 1989, Nowa, James e Bruce andavam de bicicleta pela cidade como sempre, passando pelos mesmos lugares, na barraquinha de pipoca, em frente à prefeitura, na praça da cidade, até que passaram pela entrada da floresta. Ao cair o sol, eles olham a placa “Bem-Vindo à floresta Memphis”, curiosos de como seria andar pela floresta, adentram sem olhar pra trás.

Os meninos sempre voltavam antes de anoitecer para casa, mas nesse dia foi diferente.

Às 19horas e 48minutos, a mãe e o padrasto já haviam procurado por todos os lugares, desesperados ligam para a policia, o telefone toca e o xerife atende calmamente “Policia Militar, boa Noite”, até porque nunca acontecia nada na cidade. A mãe dos meninos relata o desaparecimento. O policial desliga o telefone e em menos de 10 minutos chegam à casa. O relato dos pais era nervoso e cheio de angústia. As buscas iniciaram imediatamente. Todos queriam ajudar.

Toda a cidade fica comovida com o sumiço dos garotos, afinal eram crianças boas que sempre estavam brincando na rua. Todos os moradores procuravam pelos meninos, as aulas da única escola local foram suspensas. Os estabelecimentos comerciais eram fechados antes para que pudessem ajudar nas buscas, mas isso de nada adiantava.

No segundo dia de busca o xerife chama seus homens para adentrarem na floresta Memphis, onde ninguém tinha coragem de ir. Essa floresta é um lugar sombrio muito fechado, porém os homens procuram pistas, andam 1 km e um dos detetives percebe um tênis vermelho vinho com rasgo no lado superior direito e sem cadarço pendurado em um árvore, em cima do lago junto com uma camiseta preta de uma banda de rock. Andando pelo lago, em torno de 700 metros à frente, um dos homens tropeça em algo, o xerife preocupado manda-o puxar o que lhe fez tropeçar. E lá estavam, os três meninos com seus pés e mãos amarrados com os cadarços de seus próprios tênis, nus e com as gargantas cortadas.

A polícia faz uma busca, pela cidade no intuito de encontrar suspeitos, e dois adolescentes de 16 anos são considerados culpados. Eram jovens fora dos padrões, daquela pequena cidade, considerados estranhos. Todos na cidade diziam que eles pareciam marginais. Eles andavam à noite, usavam roupas

pretas e falava-se até que eles praticavam bruxaria, poisalém de tudo eles sempre escutavúm musicas de rock pesado.

Maio de 1989. os dois adolescentes de 16 anos são condenados à morte pelo brutal assassinato de três garotos de idades entre 8 e 9 anos, acusados de terem cometido o crime em um ritual em que eles supostamente participavam.

Os rapazes foram condenados, mas deixaram uma dúvida na cidade: “Condenamos as pessoas certas? Ou apenas tiramos a vida de mais dois rapazes por uma investigação fácil e rápida?”.

Janeiro de 1998, quase 10 anos após a morte dos três garotos e a a sentença de dois adolescentes dada, policiais encontram um bunker abandonado pertencente ao padrasto dos garotos. O lugar estava cheio de fotos deles e um plano muito elaborado de como matá-los e sair ileso disso. Um planejamento maluco e ao mesmo tempo doloroso.

Os adolescentes condenados antes mesmo do crime deixou tudo mais fácil. Agora você deve estar se perguntando: “por quê?” Por que alguém faria isso com crianças?”.

O padrasto dos meninos não era uma pessoa amada e ter que dividir sua mulher com outras três pessoas o chateava muito, cuidar dos meninos era um incômodo para ele e a única solução que achou para seu problema, foi matar os três meninos. A fuga não foi necessária, como toda a sociedade estava cega incriminando dois adolescentes ninguém desconfiou dele, hoje não se sabe onde ele foi parar, ninguém nunca mais o achou.

A cidade que era pequena porém cheia de felicidade ficou deserta ninguém queria morar lá, mas nunca será esquecida.

O reinado de Aurora

Katia Cristina Schuhmann Zilio

Aurora tecia o xale e pensava no ponto da lã e no encontro que tivera mais cedo. Foi outra das escapudidelas de Henrique. Não era fácil resistir aos presentes e elogios dele, quase nunca lembrava que ele era casado mas, sobretudo, não era fácil esquecer de sua posição na região. Henrique era o rei de Astíria, simplesmente o REI.

E Aurora? Uma serviçal do castelo, fora contratada para cozer e tricotar. Tinha mãos habilidosas, um olhar furtivo e sensível, no entanto eram seus cabelos que sempre atraíam a atenção: de cor avermelhada, por vezes até laranja, cor intensa como o sol, longo e cheio de cachos. Talvez por isso o velho rei não resistira.

Aurora era chamada ao castelo para realizar o trabalho perto do inverno, estação do frio, dos ventos e da neve. Sua mãe, Meredith, também trabalhava no mesmo ramo, tinha talento para o tricô e fazia lindas mantas. Era simples, casada com Olavo, um pastor de ovelhas, não pudera ter filhos, considerava Aurora um presente de Deus.

Foi num dia daqueles em que o sol brilha com raios de um dourado único que, ao acompanhar Olavo no pastoreio, viu ao longe um filete vermelho que saía de um cesto perto de uma grande árvore. Aproximou-se devagar e o que viu dentro do cesto a deixou em pânico e, ao mesmo tempo, muito feliz: uma criança dormia tranquilamente no cesto abandonado. Olavo seguia Meredith e também ficou surpreso, sentaram e esperaram o dia inteiro que alguém aparecesse e reclamasse pela criança, mas isso não aconteceu. Não havia nem um bilhete, nada que pudesse ajudar a descobrir quem era aquele bebê. Logo acordou, olhou para Olavo e sorriu, com Meredith não foi diferente, e aquele sorriso banguela, o tufo pequeno de cabelo vermelho, além de um encantador jeitinho de olhar, conquistou o casal. E no findar da tarde, Aurora já estava na casa de quem a adotaria.

Aurora crescera entre os cuidados dos pais e a rebeldia das estações do ano. Era, por vezes, calma e serena como o outono, outras ocasiões fervia como o sol do verão e ainda podia ser leve e alegre como as flores da primavera fresca ou severa e calada como o austero inverno de Astíria.

Quando moça, já havia aprendido a tecer e fazia lindas peças de lã. A mãe a levava ao castelo para ajudar a tecer para a corte, logo suas mantas caíram no gosto das donzelas e duquesas que gostavam de usar o que foi tecido pelas mãos de Aurora.

A própria rainha usava as mantas que Aurora tecia, sem desconfiar, é claro, do que acontecia nas alcovas do castelo. A rainha e o rei não eram muito felizes no casamento tratado pelas duas famílias e Aurora, ao entrar na vida do castelo, mostrou-se à vontade com os ambientes e as pessoas dali. Transitava entre as rodas da corte com desenvoltura de quem nascera para isso. Meredith, sua mãe, ficava aflita, pois considerava isso uma afronta para com a família real.

Aurora, no entanto, tinha um senso de pertencimento àquele mundo e considerava seu trabalho uma extensão de si como uma integrante daquele lugar. E o rei? Como tudo começou?

O reino parecia em paz, mas era só a aparência mesmo... O rei descia as escadas vigorosamente pensando que o reino vizinho, Extiv, precisava de uma lição. A guerra parecia a única solução para o problema dos limites de uso das águas do lago Orthes, jazida de água pura que estava no território de Astíria. Refletia sobre isso quando se encontrou com Aurora... Foi um encontro e tanto: seus corpos se bateram fortemente e ambos foram ao chão. O rei levantou-se rapidamente, pronto para castigar o insolente empregado que não prestava a atenção. Mas não foi bem isso que aconteceu, pois os olhos do rei viram somente o cabelo de fogo, muito vermelho que se espalhava junto ao corpo de uma jovem mulher.

O encanto foi imediato e as fagulhas de paixão impediram qualquer reação mais abrupta, porém não dificultaram um olhar cuidadoso desnudando cada vestígio de pele que o vestido poderia mostrar. O problema com o lago Orthes e Extiv não foi mais lembrado e a vida seguiu doce e cheia de paixão. Não demorou para que o rei procurasse Aurora que, no princípio estava arredia, logo mostrou-se encantada pelo jovem rei.

Assim foi ficando, inverno e verão, primavera e outono, em pequenos trabalhos que permitiam furtivos encontros amorosos. Sim, para Aurora já era amor...

Até aquele dia, tudo estava bem, mas Aurora não sabia o que estava para acontecer... O último encontro entre Aurora e o rei Henrique fora no escritório principal do castelo, lugar que era um dos preferidos de Aurora, mas que também era frequentado pela rainha, mulher jovem, ativa e extremamente correta. Rúbia, a rainha, sabia que o rei procurava outras mulheres e isso era comum, mas começou a pensar que ele estava muito envolvido com uma mulher apenas, pois dera para suspirar às vezes, e isso não era um comportamento típico de rei, mas sim de um apaixonado. Não permitiria amor, afinal, nem ela amara, por que ele poderia?

Nesse dia, Rúbia ficara escondida no ambiente acima do escritório principal, um espaço que ela usava para ler e pintar. Ali vira tudo: o calor do encontro, o vigor dos beijos e, principalmente, a sedutora Aurora nua e bela

entrelaçada com o rei. A suspensão da respiração da rainha combinava com a dança dos corpos que roçavam pelo ambiente.

Sem ar, Rúbia esperou que tudo acabasse logo, parecia eterno para ela. Saíram ambos e ela também. Não era mais a mesma rainha e, certamente, não o seria nunca mais. Pensava muito sobre o que vira. Aurora e Henrique não desconfiaram que haviam sido espionados. O dia seguiu e o pensamento de Rúbia, Aurora e Henrique estavam conectados.

Aurora continuava a tecer, mas os pensamentos eram do rei. Henrique fora para seus despachos habituais. E Rúbia? A rainha ficou extasiada... Pensou muito em tudo que vira... Vestiu seu melhor vestido, afinal, isso não poderia ficar assim, perfumou-se, arrumou o cabelo e pensou no que iria dizer... Finalmente chamou... O rei? Não, Aurora! Ficara impressionada com a moça.

Os cabelos vermelhos e os olhos de esmeralda jaziam no lençol branco de Rúbia que agora também vivia a paixão... Entre Henrique e Rúbia, Aurora compunha uma serenata de paixões...